

## Editorial

**S**e a multiplicidade é uma das principais características da Área de Comunicação, esta edição da **Líbero**, a exemplo das anteriores, parece de alguma maneira refletir, em suas páginas, esse fato. Abrindo caminho para pontos de vista diversos, por vezes divergentes, mas sem deixar de lado a perspectiva do diálogo, esta edição mostra uma variedade de objetos e aportes que busca contribuir, com consciência de suas potências e limites, para que se possa pensar a Comunicação.

Essa variedade se manifesta também nas diferentes origens de autoras e autores, não apenas em relação às contribuições brasileiras, mas também às estrangeiras.

O texto de Victor Echeto, escrito de um ponto de vista da América Latina, com a proximidade e o distanciamento que permite buscar outros olhares sobre aquilo que é familiar, pensa a Comunicação dentro de um contexto em que as contradições – históricas, sociais, políticas – não deixam também de se revelar no espaço híbrido de culturas, movimentos e práticas no espaço social.

Girando a bússola para outro hemisfério, Nick Couldry argumenta de um modo, em essência, bastante similar ao indicar que não é possível pensar o contemporâneo sem levar em consideração a presença, quase onipresença, da mídia, em toda sua pluralidade de modulações – das grandes redes internacionais aos micro, nano-produtores de informação em que nos convertemos, todas e todos.

Os textos desta edição, assim como de outras – e, de certa maneira, de quase todas as publicações da Área –, sugerem que os recortes que definem a Comunicação podem ser bastante fluidos, mas podem apresentar também alguma unidade subjacente – algo que pesquisadoras e pesquisadores de excelência vêm buscando observar e compreender, em espaços e situações diversas. O desafio, que se manifesta também nestas páginas, é o entendimento das práticas humanas agrupadas sob o nome “Comunicação”. E, se é permitido um momento otimista, talvez à beira da utopia, pensar também como esta “comunicação”, seja como for definida, pode aprimorar o diálogo entre os seres humanos e o reconhecimento da alteridade – condição, nos lembra Lévinas, que define o humano.

Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes  
Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino  
Editores  
(libero@casperlibero.edu.br)